

escrava, da propriedade privada e das relações mercantis segundo os princípios do neocolonialismo" (p. 291)? — HELOÍSA LIBERALLI BELLOTTO.

GALLEZ, Paul — *Das Geheimnis des Drachenschwanzes*. Die Kenntnis Amerikas vor Kolumbus. (O segredo do rabo do dragão. O conhecimento da América antes de Colombo.) Berlin, Dietrich Reimer Verlag, 1980. 184 p., ilust.

Todos nós aprendemos na escola que a América foi descoberta por Cristóvão Colombo. "En passant" mencionava-se, quando muito, que os vikings, por volta do ano 1000, estiveram na costa setentrional deste Novo Mundo. Há alguns estudiosos que afirmam que os fenícios teriam estado no continente sul-americano 500 anos antes de Cristo. (Professor Dr. Lienhard Delekat da Universidade de Bonn, Alemanha, em 1969). Mas são os que menos crédito têm recebido. Há mesmo outros estudiosos que se recusam absolutamente a acreditar nesta hipótese.

Surge agora um livro que pretende revolucionar a história dos descobrimentos. Escrito originariamente em francês, língua materna do autor, sob o título de "La proto-cartographie de l'Amérique du Sud au deuxième au seizième siècle" foi traduzido para o alemão para então ser publicado.

Seu autor, de origem belga, há anos vive na Argentina. É o fundador e diretor do Instituto Patagônico em Bahia Blanca, na Argentina. Sua formação de engenheiro, historiador e geógrafo, o destinava aos estudos a que se dedica, isto é, principalmente à geografia, e à história da Patagônia, assim como à proto-cartografia não só da Patagônia como de toda a América do Sul. Tem diversos artigos científicos publicados em vários países.

Raramente se viu até hoje a utilização do termo proto-cartografia. O A. a considera uma ciência ligada, na maior parte das vezes, à pré-história. Ele diferencia a história da pré-história afirmando: quando temos uma expedição ou viagem comercial bem documentada, — sabemos da época em que se realizou, quem comandou a expedição ou organizou a viagem, para onde se dirigia e quais os seus resultados —, então temos a história. Tudo que não podemos documentar, de que temos apenas menções vagas, cabe à pré-história, que procura juntar as diversas peças do "puzzle", para então formular suposições e hipóteses, que possivelmente serão história.

Não é de hoje que correm versões sobre supostas expedições pré-colombianas, mesmo em nosso país, que por sua posição privilegiada era o ponto mais vulnerável na América do Sul. Escreveu-se por diversas vezes sobre expedições fenícias que teriam chegado a nossa terra. No entanto, sempre houve contestadores que desviavam tais teorias para o país das fábulas.

Contudo, ao examinarmos velhos mapas e globos terrestres, vamos encontrar uma protuberância exagerada ao sul da China, que, por mais estranho que possa parecer, tinha a forma do continente sul-americano.

Trata-se de um velho problema ao qual o A. procura dar um novo enunciado. Há muito conheciam-se os velhos mapas, principalmente os dos séculos XV e XVI, que traziam uma porção de terra "pendurada" no sudeste asiático, como um galho de uma árvore. Este "rabo do dragão" nunca foi deveras examinado, já que sempre fora considerado uma representação errônea dos antigos e nada mais.

Já Franz von Wieser, eminente geógrafo do fim do século passado, em seu trabalho sobre o estreito de Magalhães e o continente austral, faz referências a um continente duplo, asiático-americano e pergunta *até quando* terá existido esta idéia fantasiosa (*Magalhães-Strasse und Austral-Continent auf den Globen des Johannes Schoener*, Innsbruck, 1881, p. 82).

Após ter decorrido um século desde que foi formulada esta pergunta, Paul Gallez pretende demonstrar, neste livro, *desde quando* existe tal idéia.

Iniciando o seu livro com o material cartográfico existente no século XVI, o A. nos leva gradativamente a recuar no tempo. Do mapa de Giulio Sanuto, datado de 1574, nos conduz até

Marinos de Tiros, que viveu em meados do século II de nossa era, passando em revista toda uma problemática cartográfica referente a reproduções de uma América do Sul Ocidental ligada ao continente asiático, formando o assim chamado "rabo de dragão" e uma América do Sul Oriental, tornada independente, isto é, separada da Ásia.

Demonstra que entre os mapas de Marinos de Tiros (142), de al-Hwārizmī (833) e o de Hammer ou, como também este é conhecido: Henricus Martellus Germanus, existem certas analogias, inclusive certo desenvolvimento. Considera o mapa de Hammer, que hoje se encontra no Department of Manuscripts da British Library, em Londres, o mais detalhado, principalmente no que se refere às bacias hidrográficas da América do Sul. Algumas delas só se tornaram conhecidas e exploradas no século XIX!

Ocupa-se ainda de certas denominações de localização duvidosa, ou mesmo misteriosas, se não quisermos supor o conhecimento da existência da América do Sul pré-colombiana. Passa, enfim, em revista a história da cartografia da Renascença européia, ocupa-se da parte mais interessante da geografia islâmica e cristã, assim como examina os conhecimentos greco-egípcios dos antigos. E formula três questões: quais foram as excelentes fontes de informações de Hammer? De onde extraiu al-Hwārizmī suas indicações geográficas? Quem contou a Marinos de Tiros como se chegava a Catigara (possivelmente na América do Sul)?

Chega a uma hipótese: o problema é o da descoberta transpácifica da América do Sul. Examinando as cartas geográficas, especialmente as de Hammer a Marinos de Tiros, isto é, recuando no tempo, chega a uma conclusão provisória: os viajantes e comerciantes tinham vindo da Eurásia.

Discute ainda as hipóteses da descoberta pelos chineses, egípcios ou fenícios, mostrando que todas elas poderiam ter sido possíveis. Em inúmeros casos, baseia-se em fatos e documentos, mas que ainda não são suficientes, para que estas hipóteses possam entrar na história.

Finaliza seu livro destacando que "seria um erro de método, se se quisesse aplicar as regras da crítica histórica nas hipóteses pré-históricas. Não iria se conseguir nada, a não ser destruir todas estas hipóteses sem vantagens para ninguém. É melhor ter algumas teorias vacilantes do que nenhuma. Sua fragilidade força a procura de novas interpretações, para velhas suposições, pensar nas hipóteses apresentadas, aprofundar suas relações e procurar novos caminhos que se cruzam e que se fortalecem mutuamente". (p. 128-9)

Apresenta uma vasta bibliografia e encerra o livro com reproduções dos mapas, nos quais procura firmar sua hipótese.

É livro deveras interessante que pretende "sacudir" o mundo científico. Há erros de revisão, que em alguns casos são simples distração. Só para citar alguns: o da p. 49 e ilustração nº 18, referindo-se ao mapa cordiforme de Petrus Apianus, dá a data de 1530, quando no próprio mapa consta 1520. Também não chamaria a coletânea organizada por Simon Grynaeus, *Novus Orbis Regionum ac Insularum Veteribus Incognitarum* de Atlas (p. 48), pois só acompanha um mapa: o mundial de Sebastian Muenster. Aliás, na edição de Paris mencionada, o mapa é de Oroncius Finaeus, nome ao qual não se refere no contexto.

Não há dúvida alguma que esta obra despertará a curiosidade e o interesse para a proto-cartografia e esperemos que também a tenhamos brevemente traduzida para o nosso idioma, uma vez que está ligada, de perto, a nossa história pré-colombiana. — ROSEMARIE ERIKA HORCH.

MOURA, Margarida Maria de — *Os Herdeiros da Terra: parentesco e herança numa área rural*. 1ª ed., São Paulo, HUCITEC, 1978. 100 p. ilustr.

A reprodução da sociedade camponesa face à penetração do capitalismo no campo é o problema central abordado por Margarida Maria de Moura neste seu trabalho de Antropologia